



**Declaração à imprensa do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, no Palais de l'Elysée, após encontro com o presidente Nicolas Sarkozy**

**Paris - França, 1º de abril de 2009**

Primeiro, [quero] dizer ao presidente Sarkozy da minha alegria de poder passar algumas horas aqui. É importante lembrar que este ano será o ano da França no Brasil, e nós vamos ter a responsabilidade de fazer mais bonito do que a França fez aqui, quando realizamos o ano do Brasil na França. Não sei, talvez perderemos na qualidade do vinho que ofereceremos aos franceses no Brasil. Mas, de qualquer forma, estamos trabalhando para que haja uma evolução na produção do nosso vinho.

Então, nós estamos transformando em realidade um sonho antigo de duas grandes democracias, de dois países importantes, cada um no seu continente, e fazendo com que essa boa amizade e essa boa convivência democrática permitam que haja avanços no campo econômico, no campo científico, no campo tecnológico.

A parceria com a França prevê propostas para a governança mundial. Todos nós sabemos que as turbulências que estamos vivendo hoje são resultado da falta de governança, da falta de responsabilidade, quando permitimos que pessoas, indivíduos ou instituições sozinhas tomem decisões que trazem prejuízos para um conjunto enorme de seres humanos, e que depois cabe aos governantes tentarem encontrar uma solução.

Eu penso que a constituição de um grupo de trabalho entre França e Brasil, sob a coordenação dos nossos ministros das Relações Exteriores – envolvendo Ministro de Defesa, Ministro de Ciência e Tecnologia – além da nossa aliança no campo econômico, vai permitir que quando chegarmos no mês de setembro – quando o nosso presidente Sarkozy será homenageado no



dia da Independência do Brasil – a gente possa formular novos acordos e dar novos passos para essa integração entre França e Brasil.

A segunda coisa é a nossa viagem a Londres amanhã. Eu penso que vocês, da imprensa, devem saber a expectativa que essa reunião de Londres está gerando sobre os ombros dos dirigentes políticos que lá se reunirão. Não serão fáceis as medidas se não tivermos coragem de compreender que as grandes decisões a serem tomadas amanhã serão decisões políticas.

A parte econômica, certamente os nossos ministros, os nossos técnicos, saberão encaminhar. Mas é preciso que nós apontemos os rumos das decisões políticas de que nós precisamos, até porque tanto o presidente Sarkozy quanto eu não queremos assumir a responsabilidade de fazer uma reunião fracassada, uma reunião onde a grande decisão seja marcar uma nova reunião. Isso nós fazemos nos partidos em que participamos. Eu tenho longa experiência de reuniões no movimento sindical. Como presidentes da República, nós temos que fazer as reuniões e tomar as decisões.

Todo mundo já sabe o que tem que ser feito. Também não existe mais segredo, é apenas assumir a responsabilidade. Nós vamos ter que restabelecer o crédito no mundo. (intervenção: Isso aumenta o restabelecimento do crédito no mundo.). Nós vamos restabelecer a confiança que os consumidores franceses, brasileiros, americanos, alemães, britânicos, vão ter para voltar a consumir e fazer girar outra vez a roda da economia.

Ao mesmo tempo, nós sabemos que é preciso criar condições para que as instituições multilaterais de financiamento possam voltar a financiar, sobretudo os países mais necessitados, os países mais pobres, os países em desenvolvimento, para que as economias desses países possam voltar a funcionar normalmente e a gente não transforme essa crise, que começou nos Estados Unidos, em um caos econômico ainda mais grave para os países que não tem nada a ver com essa crise.

Além disso, eu penso que nós estamos de acordo com a necessidade do



fortalecimento dessas instituições, para que elas se dotem de capacidade de alavancar mais recursos e eu penso que [sobre] isso nós deveremos tomar decisões amanhã.

Mas o que é muito importante é que países mais importantes que o nosso, com PIB maior do que o nosso, com também maior responsabilidade na crise, assumam a responsabilidade de normalizar as suas instituições financeiras. Até quando nós vamos ficar colocando dinheiro para salvar os chamados créditos tóxicos? No Brasil nós, costumeiramente, chamamos de créditos podres, somos mais diretos no assunto. Não é possível continuar colocando dinheiro no banco, colocando dinheiro no banco e colocando dinheiro no banco, e esse dinheiro nunca volta como investimento e como crédito. É preciso que a gente, então, tenha consciência de que o sistema financeiro precisa voltar, obrigatoriamente, a estar vinculado ao setor produtivo do Planeta. Ou seja, todo mundo tem o direito de ganhar dinheiro, mas todo mundo tem o direito [dever] de produzir um bem material pelo dinheiro que ganha: ou se constrói uma casa, ou se constrói uma telha, ou se constrói um carro, um pneu, uma caneta, uma camisa, uma gravata ou um sapato, mas é assim que as pessoas precisam ganhar dinheiro, e é para isso que deve servir o sistema financeiro mundial e não para especular, um vendendo papel para o outro, o que não resulta na produção de nada e quando estoura, os prejuízos ficam para quem trabalha. Os trabalhadores nem sabiam que existia essa ciranda financeira no mundo.

Uma outra coisa em que estamos de acordo, e certamente enfrentaremos resistência, é a questão dos paraísos fiscais. Não é possível, não é admissível que no planeta Terra, que tem 1 bilhão de seres humanos vivendo abaixo da linha da pobreza, alguém se dê ao luxo de tirar dinheiro do setor produtivo e colocá-lo no setor especulativo. Não é possível. Não é democraticamente responsável, não é eticamente explicável. Eu diria que é quase imoral.



E nós, como governantes que fomos às ruas pedir votos para o povo, temos a responsabilidade de, em nome desse povo, dizer que é preciso colocar um fim nisso. Se alguém tem dinheiro para guardar, que guarde em um banco, que invista em uma indústria automobilística, em uma indústria de móveis, numa indústria da construção civil, numa indústria de confecção, numa indústria de computadores, mas nunca apenas para especular e ganhar dinheiro sem produzir nada.

Portanto, vocês percebem que será uma reunião entre amigos, mas uma reunião difícil, porque nem todos os amigos estão pensando igual neste momento. Cada um está pensando no seu povo, cada um está pensando no seu país. Nós também fomos eleitos com a responsabilidade de pensar no nosso povo e no nosso país, de pensar também no que vai acontecer com as pessoas que não pertencem ao nosso país, mas que estão na expectativa de que nós tomemos decisões para ajudá-las.

Por isso, eu, como sou muito otimista, Sarkozy, sou por demais otimista, estou convencido de que sairemos amanhã, no mínimo, com uma proposta que possa significar um alento para os milhões de seres humanos que estão na expectativa de que nós sejamos os seus representantes, e que possamos, então, tomar alguma medida que eles sintam que daqui alguns dias vai voltar a normalidade na economia, que eles vão voltar a ter emprego, vão ganhar um salário, vão trabalhar e vão comprar o que comer e o que vestir, tranquilamente.

Portanto, eu quero te agradecer [por] essas poucas horas de reunião, que foram muito importantes para que nós afinássemos um pouco a orquestra para a nossa participação na reunião de Londres. Eu espero te encontrar amanhã com mais otimismo ainda, com mais disposição de lutar, porque a França é um país muito importante, joga um papel muito importante e a disposição que você tem demonstrado nesses últimos meses mostra que a França pode ajudar a fazer com que os outros países evoluam politicamente e



que a gente não tenha medo de tomar as decisões.

O medo foi o que causou a crise. O medo foi o que causou a crise, porque poderia ter se tomado medidas em setembro de 2007 e não se tomou medidas. Portanto, mesmo que tardiamente, acho que nós vamos ter que tomar as medidas.

Por isso, muito obrigado, meu amigo.

(\$211B)